



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Raça/Etnia, Geração e Sexualidade

Sub-Eixo: Ênfase em Raça e Etnia

ESTRANGEIRA: UMA ANÁLISE ÀS MARGENS

Isabela dos Santos de Assumpção¹

Resumo: Partindo da pergunta 'por que mulheres negras situam-se à margem da sociedade ainda que dentro dela?', busco articular o que significa ser uma *outsider within* enquanto uma condição imposta a esse grupo por conta de sua raça, sexo e classe social, e explicar possibilidades de ação e consciência mediante essas circunstâncias.

Palavras-chave: Mulher negra. Estrangeira. Estrutura.

Abstract: Starting from the question 'why are black women at the border of society even though they are part of it?', I seek to articulate what means to be an *outsider within* while a condition imposed to this group because of its race, sex and social class, and explain possibilities of action and consciousness under these circumstances.

Key-words: Black women. Stranger. Structure.

Não se iluda

Eles são desagradáveis

e sujos

atrevidos

agressivos

cheiram mal

são cheios de doença

Mas que diabo, são gente

são eles o semelhante

Portanto

Não se iluda

Nós somos desagradáveis

e sujos

atrevidos

agressivos

cheiramos mal

somos cheios de doença

Meu Deus, minha gente

¹ Estudante de Graduação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, E-mail: isassumpcao7@gmail.com.

Somos nós os semelhantes

(Na Pista [Pros Brother] por Eduardo Tornaghi e família)

INTRODUÇÃO

Tomando como pressuposto a categoria *outsider within* de Patricia Hill Collins, o presente projeto de pesquisa tem como objetivo trazer uma reflexão acerca do posicionamento da mulher negra, enquanto o produto de um longo processo histórico do país e naturalizado pelo 'centro hegemônico'. A categoria *outsider within* é usada pela autora na intenção de definir, ou pelo menos entender, como a mulher negra pode estar à margem da sociedade ainda que dentro. Em outras palavras, há um centro hegemônico, um ideal esperado, e esse corpo, o negativo do centro, não faz parte dele, mas está nele.

Partindo da pergunta 'por que mulheres negras situam-se à margem da sociedade ainda que dentro dela?', busco articular o que significa o estrangeirismo, o ser estranho, enquanto condição desse grupo por conta de sua raça, sexo e classe social. Em seguida, busco explicar como e por que essa 'estrangeira' precisará interpretar a estrutura (padrão social) representada pelo grupo social o qual se aproxima, e assim, decidir identificar-se como estrangeira ou moldar-se à estrutura (SCHUTZ, 2010).

A fim de alcançar esses objetivos, partimos de ambos os conceitos de "estranho", de Georg Simmel e de Alfred Schutz, ambos também como referências de Collins (2016). O primeiro contribui com a contradição de afastamento e proximidade do estranho; o segundo contribui tomando como pressuposto o conhecimento humano como justificativa para o lugar que o estranho ocupa. E a posição e realidade da mulher negra em sociedade são de suma importância, a fim de apreender as condições e situação desse corpo presente, mas sem uma visibilidade real – sem sua subjetividade. Afinal, o feminismo negro vai além de afirmar sua identidade, ele inova teoricamente o modo de pensar a mulher negra e a sociedade.

1. A ESTRANGEIRA

Para a formação da categoria “estrangeira” e para usá-la como referência para a mulher negra, tomaremos como pressuposto os conceitos de Simmel e Schutz. De acordo com o primeiro, na sociologia o estranho é semelhante a um ser que perambula/vaga pelo espaço; ele se liberta de todos os “pontos” espalhados nesse espaço, mas também se fixa em todos eles. Logo, o estranho é a unidade dessa contradição: o seu posicionamento é de libertação e de fixação (SIMMEL, 1950). Por outro lado, Schutz afirma que “o termo ‘estrangeiro’ deverá significar um indivíduo adulto do nosso tempo e civilização que tenta ser permanentemente aceito ou ao menos tolerado pelo grupo ao qual ele se aproxima” (SCHUTZ, 2010, p.118).

À luz de ambos os autores, além de Collins, entende-se que a estrangeira é uma circunstância particular que subjetivamente remete-nos ao sentir dessa experiência, e objetivamente à exclusão, à margem – diferente de outros sujeitos que podem ter a mesma nomenclatura, ex.: um imigrante, um parente distante, a chegada de um indivíduo a uma nova instituição. Essa circunstância, se chegar à consciência da mulher negra, pode potencializar sua agência e dar subsídios (características em potencial) para superar os seus limites, pois, ainda que não seja o ideal ter esse posicionamento de estrangeira, este pode mudar a perspectiva que temos dela e da sociedade.

As seguintes características não são uma regra que toda mulher negra vivencia, mas possíveis circunstâncias. Enquanto uma categoria particular, ela se constrói em um universo de vidas singulares que se cruzam devido a certas determinações sócio-históricas. Logo, haverá aproximações e distanciamentos dependendo do local que cada mulher negra ocupa e como se entende nesse universo.

1.1. A particularidade da estrangeira

Passar pela experiência de "estrangeiro" não é algo singular à mulher negra, afinal, pela explicação de Schutz, vê-se que o primeiro exemplo usado por ele é o do imigrante. O termo estrangeiro de acordo com o dicionário *Michaelis* é “que ou quem efetivamente não pertence ou não é natural de um país, de uma nação, de uma comunidade etc. ou que não se considera como tal, sentindo-se alheio, estranho; ádvena, forasteiro”. Portanto, a grande

maioria das pessoas já passou por essa experiência em menor ou maior grau. Se ainda tomarmos como ponto de partida um dos conceitos de estranho, de acordo com o mesmo dicionário, diz-se daquele “que é incomum, contrário ao uso ou aos padrões e costumes vigentes na sociedade”. O que particulariza a mulher negra, enquanto estrangeira na sociedade, é por ser uma experiência de exclusão que dura sua vida inteira, mesmo que permaneça no mesmo lugar, e com determinações interseccionais (raça, sexo e classe).

Nosso país é historicamente marcado pelo racismo estrutural, e um de seus frutos foi a escravidão da população negra desde aproximadamente 1500, independente de períodos de legalidade ou ilegalidade diante da lei internacional (não nos aprofundaremos nisso). Entretanto, como um processo lento e gradual, e com uma história tão recente – menos de 150 anos de abolição no papel –, a ideia e naturalização do corpo negro, enquanto escravo, perdura até os dias de hoje.

A escrava e, comparativamente, a empregada doméstica; não faz parte da família, ainda que presente em sua rotina e hábitos diários. Não tem nenhuma herança ou privilégios junto à família, mas contribui para a manutenção e continuação da vida material e espiritual da mesma – afinal, para que todos possam ter seu momento de lazer por mais de oito horas, é necessário que alguém faça todo o trabalho da fazenda/casa por mais de oito horas. Nas palavras de Collins, “essas mesmas mulheres negras sabiam que elas jamais pertenceriam a suas ‘famílias’ brancas. Apesar de seu envolvimento, permaneciam como *outsiders*” (2016, p.100).

Dessa maneira, as duas razões para a particularidade da mulher negra são elas durar a vida inteira e as determinações interseccionais se entrelaçam: a vida de uma mulher negra brasileira, portanto, estrangeira, foi marcada pela desigualdade social, pelo sexismo e pelo racismo. Sendo escrava de brancos por vários séculos, sua imagem é moldada pela pobreza, inferioridade e falta de direitos. Essa mesma imagem é negra, pressupondo que, naturalmente, toda escrava deva ser negra. E, sendo mulher, é vista com mais força devido à escravidão, como a encarnação da submissão cega e inquestionável. Ainda que o objetivo do presente trabalho não seja discorrer detalhadamente por essas categorias, as mesmas afetam diretamente o estrangeirismo de mulheres negras, o que nos interessa no momento.

À luz do artigo de Schutz, os equívocos e preconceitos que criam essa imagem da estrangeira são consequência de um conhecimento humano parcialmente claro e contraditório (SCHUTZ, 2010). Ele explica que essas características auxiliam na análise do posicionamento do estrangeiro e as reações do grupo social do qual ele se aproxima, afinal o preconceito é uma forma de conhecimento, ainda que limitado e, na maioria das vezes,

equivocado. Além disso, também auxilia a refletir como é construída a imagem da mulher negra e como ela se torna uma particularidade de estrangeirismo.

Primeiro, nosso conhecimento é afetado por interesses pessoais e coletivos; é uma busca conveniente devido à relevância que damos de forma variada para diferentes objetos. Nesse caso, há um centro hegemônico que ao longo da história interessa-se por atender prioritariamente – quando não, unicamente – aos interesses de uma parcela da população branca. Segundo, nosso conhecimento é parcialmente claro, porque bastará para nós entendermos princípios genéricos para vivermos. Não é necessária para o ser humano a apreensão de uma verdade em sua totalidade; bastam informações rasas suficientes para “sobrevivência”. Tomando como primordial a “sobrevivência” de homens brancos, certamente não há necessidade de questionamentos quanto à morte e exploração de mulheres negras, e nem os efeitos e a permanência dessas circunstâncias nos dias de hoje. Terceiro, nosso conhecimento é contraditório por não ser consistente. Mesmo que cada indivíduo seja único, somos capazes de distribuir em nosso pensamento opiniões contraditórias em uma mesma mente. Por exemplo, na chegada de portugueses no Brasil, a religião imposta foi o catolicismo. Ainda que os ditos cristãos sejam guiados pela Bíblia, a qual defende a igualdade de povos e nações e não aceção de Deus entre as pessoas, em nome dessa mesma religião os europeus sequestraram, mataram, estupraram e escravizaram de diversas maneiras “o seu próximo” por uma diferença de cor.

1.2. Aproximação vs. Afastamento

Se a mobilidade ocorre dentro de um grupo fechado, ela incorpora aquela síntese de proximidade e distância que constitui a posição formal do estranho. Pois, a pessoa fundamentalmente móvel entra em contato, uma vez ou outra, com cada indivíduo, mas não está organicamente conectada, através de laços estabelecidos de parentesco, localidade e ocupação, com qualquer um deles. (SIMMEL, 1950, p.1)

Logo, o estranho, ou como preferimos manter no decorrer da explicação, a estrangeira é a unidade dialética de opostos, porque quando se aproxima do grupo social que não faz parte se percebe como alguém “afastada”, estranha ao grupo; e ainda, por ser “afastada” desse grupo, só irá estranhá-lo por estar aproximando-se dele. Pensar essa afirmação é uma ideia semelhante a de *outsider within* de Patricia Collins, a de um indivíduo dentro, portanto, próximo do centro, porém às margens, afastado. Como se houvessem limites realmente espaciais no grupo (SIMMEL, 1950).

Não obstante, essa característica da estrangeira é uma relação positiva em diversos casos, uma forma de interação bem específica que privilegia as mulheres negras por habilitá-las a observar com mais facilidade padrões hegemônicos, e assim suspender o pensamento para apreender que esses padrões compõem uma estrutura, e não apenas uma cultura, como citado por Collins a fala de Bell Hooks: “Ao viver como vivíamos, na margem, acabamos desenvolvendo uma forma particular de ver a realidade. Olhávamos tanto de fora para dentro quanto de dentro para fora... compreendíamos ambos” (2016, p.100).

Hooks não poderia ser mais exemplar ao vivenciar tais contradições, porém usando as mesmas a favor de si. Não é algo simples de notar e apreender, porque, à princípio, a estrangeira está em condição de exclusão, ainda que dentro das normas sociais. Em outras palavras, um corpo presente, mas sem visibilidade real. O caminho dialético (consciente ou não no início) feito por Hooks foi exatamente o de tomar sua posição de *outsider within* como um auxílio para entender não só a si como margem, mas o centro. Um processo que desnaturaliza o que há tempos está naturalizado como padrão hegemônico, e aponta para a posição que o próprio centro tem assumido e a posição daquelas que ele tem tentado conservar às margens.

Outro aspecto dessa dialética que a estrangeira pode aproveitar-se é do seu “pensar habitual” frente ao grupo social do qual se aproxima. Esse pensar habitual é como uma “concepção relativamente natural do mundo”, de onde parte suas comparações, compreensões originais (SCHUTZ, 2010). Por ter uma mentalidade diferente do grupo aproximado (do centro) em relação ao seu grupo de origem e por, conseqüentemente, ter como referência inquestionável para avaliar outros grupos também o seu grupo de origem, é facilitador para a estrangeira observar padrões hegemônicos externos. Esse pensar habitual quando confrontado com outro tipo de mentalidade gera “crises pessoais” por divergir do “pensar” que a situação concreta enquanto estrangeira exige. Como Schutz explica:

Todavia o estrangeiro, por razão de sua crise pessoal, não compartilha as suposições básicas [do grupo aproximado] (...) [Ele] tem que colocar em questão, aproximadamente, quase tudo que parece ser inquestionável para os membros do grupo ao qual ele se aproxima. (SCHUTZ, 2010, p.122)

A estrangeira não é uma crítica nata, como se tivesse uma qualidade ou talvez um defeito próprio, mas sua condição e local de fala estrangeira permite que sua visão não seja habituada ao ritmo, ao cotidiano do grupo social que se aproxima. Conseqüentemente, a reação da estrangeira será tentar “traduzir” o mundo do outro a partir do seu próprio pensar

habitual – o que às vezes pode gerar questionamentos ou críticas que os indivíduos imersos na estrutura não compreendem ou não sabem como rebater. Esse conflito introduz o que significa a objetividade da estrangeira.

1.3. A estrangeira diante da sua objetividade

(...) o padrão cultural do grupo aproximado para o estrangeiro não é um abrigo, mas um campo de aventuras, não uma coisa natural, mas um questionável tópico de investigação, não um instrumento para desvendar situações problemáticas, e sim ele mesmo uma situação problemática e difícil para dominar (SCHUTZ, 2010, p.128)

A objetividade da estrangeira é o que permite que sua habilidade de observar padrões hegemônicos seja colocada em prática. De acordo com o dicionário *Michaelis*, a objetividade, na filosofia, é a “realidade externa, com existência fora do sujeito, podendo ser por ele deformada ou transformada”, logo, não significa uma posição de passividade ou indiferença. A circunstância externa está posta para transformação e emancipação, e a estrangeira será privilegiada devido à sua aproximação e afastamento.

Para desenvolver um conhecimento de si mesma com fins emancipatórios, ela não ficará simplesmente de fora observando. Sua relação com as circunstâncias postas é o que permitirá sua agência, como Simmel afirma: “A objetividade não é de modo algum a não-participação (que está completamente fora da interação subjetiva e objetiva), mas um tipo positivo e específico de participação (...) [se refere exatamente à] sua plena atividade, que opera de acordo com suas próprias leis (...)” (1950, p.2). Como um “ponto à margem”, a mulher negra pode usar sua objetividade para interpretar a si mesma em um centro que aparenta ser o padrão, a referência. E assim desvendá-lo e descobrir por que é posicionada estruturalmente como estranha.

Enquanto busca por esse conhecimento, a estrangeira desenvolve uma propensão para julgar o centro hegemônico simplesmente por estar livre de percepções, compreensões e avaliações comprometidas por quem faz parte do centro (SIMMEL, 1950). Geralmente, esse fato explica muitas narrativas de mulheres negras que, como explicado por Collins, participantes de famílias brancas, também o eram dos segredos mais íntimos das mesmas, pois a abertura de confidências para uma *outsider* soa “mais confiável” (não que seja uma escolha sempre consciente das famílias) do que para um membro próprio do grupo e, portanto, de dentro (sem a objetividade própria da estrangeira).

Todas essas potenciais características assimiladas ou não pela estrangeira são próprias de um local de fala e agência particular, com significado e raízes desumanas e estruturais, próprias ao modo de produção vigente. É uma posição potencial de emancipação para uma realidade que deve ser combatida, exposta, resistida, como afirma Collins:

(...) não pretendo de forma alguma negar o problema muito real que esse status social tem para um grande número de mulheres negras. Por muito tempo a sociologia norte-americana tem identificado o status marginal como problemático. (...) Em contrapartida, argumento que é o significado vinculado à diferença que é o real problema. (COLLINS, 2016, p.102)

Quando esse significado é compreendido, quando é chegado à consciência de mulheres negras, e ela escolhe ser autodefinida e autoavaliada, ela torna-se, então, uma ativista, sua consciência entra em ação.

2. A CONSCIÊNCIA EM AÇÃO

Se encontrarmos em nossa experiência alguma coisa previamente desconhecida e que, portanto ressalta da ordem comum de nosso conhecimento, iniciamos um processo de indagação. Primeiramente definimos o novo fato; tentamos alcançar seu significado; então transformamos passo a passo nosso esquema geral de interpretação do mundo de tal modo que o fato estranho e seu significado se tornem compatíveis e consistentes com todos os outros fatos de nossa experiência e seus significados (SCHUTZ, 2010, p.129).

Essa citação explica a “lei geral de estranheza e familiaridade” descrita por Schutz restringindo-se apenas ao estrangeiro que busca ajustar-se socialmente, mas não é a única opção da mulher negra enquanto estrangeira, pois o seu caso é precedido de estruturas de opressão devido à sua raça, sexo e classe social como vistas no primeiro item. As características em potencial da estrangeira permitirão a ela uma reflexão crítica sobre o padrão hegemônico e a fará decidir que forma de ativismo assumirá: moldar-se ao padrão, encaixar-se ao ideal que esperam dela, ou redefinir e avaliar a si mesma e o seu lugar real.

Esse ativismo não é sempre óbvio. Isso não acontece por ele não existir, mas pelo conceito de ativismo no senso comum, em especial de mulheres negras. Infelizmente ainda é comum estereótipos em nosso meio de mulheres negras e sua cultura, os quais ao pensarem nelas como ativistas criam a imagem de mulheres “agressivas e ameaçadoras”. Nas palavras de Collins, “muitos dos atributos existentes nos estereótipos relacionados a mulheres negras

são, em verdade, versões distorcidas de aspectos do comportamento das mulheres negras vistos como os mais ameaçadores ao patriarcado branco” (2016, p.104).

Logo, o ativismo nem sempre está à vista, como votar, participar de movimentos sociais e ter cargos públicos, ainda mais se as condições forem inflexíveis ou opressoras demais. O ativismo pode e é ato de consciência, assunção de quem se é: “nesse sentido, a consciência pode ser vista como esfera potencial de liberdade, que pode existir simultaneamente com um comportamento não liberto e alegadamente conformado” (p.114).

Portanto, sim, a estrangeira pode passar por um processo emancipatório de sua consciência, mesmo que sua condição concreta ainda seja de oprimida/explorada. É uma relação dialética:

Nesse modelo [de opressão, consciência e ação], estruturas opressivas criam padrões de escolha que são percebidos de formas variadas por mulheres negras [que] podem ou não estruturar esferas de influência nas quais desenvolvem e legitimam o que será apropriado. O ativismo de mulheres negras, ao constituírem esferas de influência do feminismo negro, por sua vez, afeta as percepções das escolhas políticas e econômicas que lhes são oferecidas pelas estruturas opressivas (...) (COLLINS, 2016, p.114-115)

A luta, entretanto, nunca deve cessar, a fim de que “as estrangeiras” não sejam mais vistas dessa maneira, pois tomar vantagens por conseguir ter uma nova percepção de suas escolhas em meio à opressão não significa aceitar seu significado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho é apenas o início de uma longa reflexão que carece de maior arcabouço teórico e autorreflexão próprias para sustentação e futuro trabalho de conclusão de curso (monografia). Problematizar a condição de estrangeira é o início de uma tentativa de contribuição ao tema e também de saída para a emancipação dessas mulheres. Porém, até os fundamentos para problematização do trabalho em si devem ser questionados e repensados, pois dois dos três principais autores estudados como início do projeto são homens brancos.

A identificação com o assunto também foi importante para não ocuparmos o lugar de fala semelhante ao da maioria dos(as) acadêmicos(as): o de falar de um corpo que não é seu por não se entender como negra também. Entretanto, também é uma reflexão que

simultaneamente nos orgulha, pois permitiu a reconstrução intelectual por um lado, e por outro o alicerce no que antes eram apenas hipóteses sem fundamentação teórica.

REFERÊNCIAS

BUENO, Winnie. “**A relevância de Patricia Hill Collins para o ativismo intelectual de mulheres negras**”. 2018. Disponível em:

<http://justificando.cartacapital.com.br/2018/03/08/a-relevancia-de-patricia-hill-collins-para-o-ativismo-intelectual-de-mulheres-negras/>. Acesso em: 12 de junho de 2018.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan-abr, 2016.

FELISBERTO, Fernanda. “**Escritoras negras e seu fortalecimento intelectual**”. 2012. Disponível em:

http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2682:catid=28&Itemid=23. Acesso em: 12 de junho de 2018.

GELÉDES. “**Livros e textos de Lélia Gonzalez**”. 2015. Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/livros-e-textos-de-lelia-gonzalez/>. Acesso em: 26 de maio de 2018.

IAMAMOTO, Marilda; CARVALHO, Raul de. O Serviço Social no processo de reprodução das relações sociais. In: **Relações sociais e serviço social**. Esboço de uma análise histórico-metodológica. São Paulo: Cortez, 2014. p. 77-130.

SCHUTZ, Alfred. O Estranho: um ensaio em psicologia social. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 10, n. 113, p. 117-129, out, 2010.

SIMMEL, Georg. **The Stranger**. 1950. Disponível em:

https://www.infoamerica.org/documentos_pdf/simmel01.pdf. Acesso em: 18 de maio de 2018.